

O PSDB E O SEGUNDO TURNO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Isto É-Senhor, 29/11/89

O apoio do PSDB a Collor ou a Lula não é uma decisão fácil para o partido. Como se trata de um partido social-democrata, de centro-esquerda, a tendência natural é a do apoio a Lula, mas o radicalismo adotado por Lula na campanha e as resistências ao PT dentro do partido são tão fortes que a alternativa de deixar a questão em aberto, liberando os membros do partido para fazerem individualmente a opção que desejarem, tem fortes possibilidades de sair vitoriosa. O apoio a Collor é inviável não apenas devido ao caráter claramente de direita, mas também ao comprometimento do candidato com os setores autoritários e fisiológicos do país.

O PSDB saiu fortalecido desta campanha. Mário Covas realizou uma admirável campanha. E embora o partido esteja apenas engatinhando, logrou o apoio majoritário da classe média progressista e moderna do país, além de ter constituído uma sólida base popular. Sua campanha foi de uma coerência e de uma firmeza notáveis. Não fez demagogia, não resvalou pelo populismo, não radicalizou, não fez ataques pessoais. Apostou na maturidade do eleitor. Expôs o programa do partido, reafirmou suas convicções éticas mais profundas, e projetou sua própria personalidade. Durante um período da campanha esta estratégia parecia a alguns uma loucura. Mas era a única estratégia possível para Mário Covas. Nas duas últimas semanas começou uma virada que a candidatura Silvío Santos, ao desviar as atenções, atrapalhou. Mas o PSDB já tem um lugar entre os grandes partidos do país.

Para o segundo turno o favoritismo de Collor é indiscutível. Para que Lula consiga derrotá-lo terá que adotar uma mensagem muito mais universal, muito menos classista do que a que adotou na primeira fase da campanha. Graças a uma estratégia baseada na radicalização, Lula conseguiu superar a crise de sua campanha (em um certo momento chegou a ter 5 por cento das intenções de voto) e lograr quase 17 por cento. Foi o suficiente para passar para o segundo turno. A expectativa, agora, é a de que sua mensagem e seus compromissos mudem radicalmente. Caso contrário não obterá o apoio do PSDB, muito menos do eleitorado brasileiro.

Os temores em relação a Lula por parte da burguesia são obviamente exagerados. Lula não é um radical, radicais são alguns setores minoritários no PT. É preciso, entretanto, que agora fiquem claras suas posições em relação a um grande número de questões que amedrontam os conservadores e afastam os progressistas.

Vivemos hoje um momento de profunda crise econômica. Diante dessa crise é necessário um grande acordo social e um governo de união nacional. Lula e Collor devem mostrar que são capazes de obter esse acordo e realizar um governo que realmente represente a sociedade brasileira e não apenas uma parte dela. O acordo social é mais fácil para Lula, desde que ele decida romper com os setores mais radicais do partido; o governo de união nacional, a única alternativa para Collor. Só através de um grande acordo e de um governo de concentração nacional será possível ao novo governo enfrentar a crise econômica com êxito. Para decidir seu apoio o PSDB deverá levar em consideração a disposição e a capacidade dos dois contendores em relação a esses dois critérios.

Há, entretanto, um terceiro critério importante. O parlamentarismo está no programa do PSDB. Mário Covas comprometeu-se em antecipar o plebiscito sobre o parlamentarismo para 1990. O PSDB deverá discutir com os dois candidatos um compromisso semelhante. Os eleitores brasileiros estão elegendo, por cinco anos, um chefe de Estado, não necessariamente um chefe de governo. O presidencialismo une as duas figuras, o parlamentarismo permite a separação. Manter obrigatoriamente, por cinco anos, uma mesma pessoa nos dois cargos é um risco que o Brasil não pode correr, é um erro no qual não podemos mais incorrer.